UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE ARTES BASE

CURSO DE PINTURA

LAURA RIBEIRO DE CASTRO

FORMA E AFETO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RIO DE JANEIRO – RJ

2022

CIP - Catalogação na Publicação

R484f

Ribeiro de Castro, Laura
Forma e afeto / Laura Ribeiro de Castro. -- Rio de Janeiro, 2022.
50 f.

Orientador: Nelson Macedo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2022.

1. processo criador. I. Macedo, Nelson, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

LAURA RIBEIRO DE CASTRO

FORMA E AFETO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito obrigatório à
obtenção do título de Bacharel em Pintura,
do departamento de Artes Base, da
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Professor Nelson Macedo

RIO DE JANEIRO – RJ

2022

“Passava o dia ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei”

Manoel de Barros, 1997

ÍNDICE

Resumo 6

Introdução 7

As referências 12

Elementos e climas afetivos 30

As pinturas 32

Conclusão 49

Agradecimentos 50

Bibliografia 51

Resumo

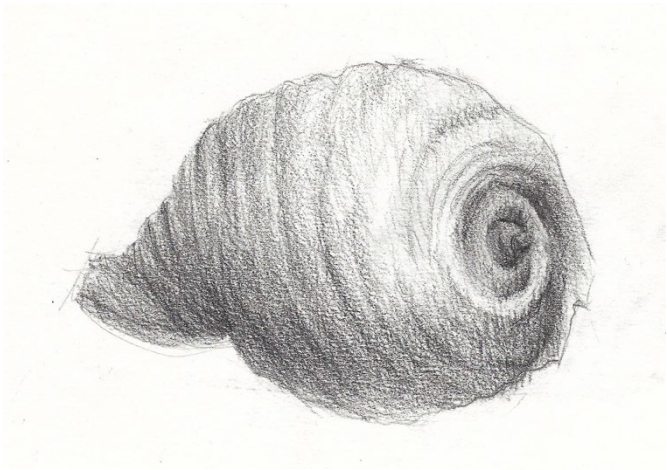
Este documento é sobre as vivências da autora com a pintura, estando aqui descritos desde os primeiros contatos e quando se estabeleceu maior interesse até os processos de feitura dos últimos trabalhos realizados na Escola de Belas Artes da UFRJ. Aqui são expostas as motivações da pintora: os artistas e obras que lhe servem de referência, o clima imaginário que permeia as suas pinturas e os fatos visuais que mais se fazem presentes nelas. Através dos dois pilares que a guiam, a forma e o afeto, a artista apresenta as 13 obras de sua autoria que compôs para o seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Palavras chave: Pintura, Desenho, Processo criador

Introdução

Costumo dizer que a pintura é a minha paixão primeira, o único relacionamento que tenho certeza que terei até o fim da vida, um amor que se coloca em uma camada mais interna que a grande maioria dos amores.

Folha de rosto de um caderno de desenho – imagem nº1



Desenho a lápis carvão – imagem nº2

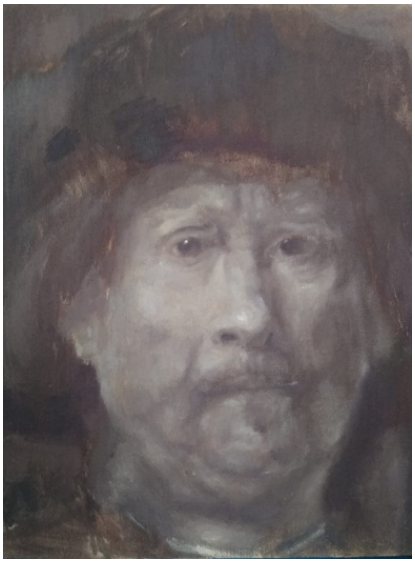
Como todo relacionamento, eu e a pintura temos as histórias de como nos conhecemos e reconhecemos ao longo dos anos. Desde criança, a sentia em casa: o cheiro da aguarrás e óleo de linhaça que impregnava os cômodos no fim de semana quando meu pai ia pintar, as paredes sempre cheias de cores, linhas, texturas, frutas e flores que nos quadros haviam sido relacionados e compostos por ele, o barulho do pincel esfregando na tela, a primeira roupa de muitas que manchei ao me aventurar pintar a óleo. Ela sempre esteve presente em minha casa e o carinho por ela também.

Pintura do meu pai, André Bombonatti de Castro – imagem nº 3

O desenhar foi uma brincadeira muito presente em minha infância e essa afinidade se manteve até a adolescência, quando, ao entrar mais em contato com os artistas e suas pinturas nos museus, a semente para começar a estudar e estreitar meus laços com a arte começou a germinar. Pouca noção eu tinha do universo da pintura, mas o que eu via e acessava na época já foi o suficiente para optar pelo curso que, por meio deste documento, irei finalizar. Constantemente olho para trás e agradeço por ter assim decidido: eu não fazia ideia, mas estava prestes a me fascinar e entrar em contato com fatos e processos envolventes, me apaixonar pelo universo artístico e a partir disso aprender a encarar o mundo de outra forma.

Ao entrar na faculdade, ter todo o meu tempo de estudo direcionado para arte foi impressionante. Se por um lado fiquei assustada com dedicação que estava direcionando a algo que tão recentemente tinha assumido como compromisso, por outro estava encantada em mergulhar cada vez mais nesse mundo, que a cada contato se apresenta mais profundo e repleto de possíveis e complexidades.

Tive o prazer de passar por diversas aulas e professores que muito me ensinaram ao longo dos anos que vivi aqui, mas é necessário destacar um momento divisor de águas, quando comecei a ouvir mais o Professor Nelson Macedo: sua fala íntima do fazer artístico, dos pintores e da forma me intrigou e instigou. Era toda uma camada da arte que ainda me era distante, mesmo que já de muito interesse, e Nelson foi trazendo para perto de mim essa realidade que me parecia tão misteriosa, desmistificando-a com exemplos, exercícios, referências, estudos e incentivo para que me conectasse com a pintura através do fazer no lugar de pensar sobre o mesmo. Os fatos formais e teorias artísticas das quais já tinha alguma pista sobre foram se colocando num plano palpável cada vez mais e, a cada dia, senti a confirmação sobre ter escolhido estudar pintura.



Estudo a óleo de pintura de Rembrandt para aula do professor Ricardo Newton – imagem nº4

Exercício de cor para a aula do professor Nelson Macedo – imagem nº5

O fascínio e o deslumbre só aumentaram a cada contato, fui compreendendo que as possibilidades são infinitas quando o assunto é forma, tendo repertório para articular os elementos que você está convidando para o seu desenho, você trilha diversos caminhos e consequentemente pode chegar aos mais diversos e ricos lugares. Fui conhecendo mais dos seus elementos visuais: a linha, o claro escuro e a cor, e a partir dos estudos ficando cada vez mais amiga deles. Fui entendendo que o que fazemos ao longo do processo de uma pintura é justamente articular esses elementos entre si, exaltar tais relações trabalhadas e dar voz a eles, para além de seus papéis representativos.

Estudo linear – imagem nº6

Estudo tonal – imagem nº7

Estudo cromático – imagem nº8

Me conectei com os pintores a partir do fazer das cópias, grandes aulas de desenho e pintura, e por ele que estreitei os laços com a forma e suas possibilidades. Como disse Goya *"Não tive outros mestres senão a natureza, Velázquez e Rembrandt",* pois nas pinturas os problemas da forma estão sendo trabalhados. Os observando e fazendo estudos e cópias, ficamos mais íntimos desse fazer,

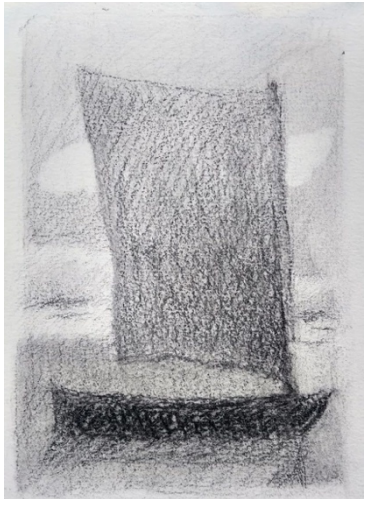
Estudo a óleo de pintura de Theodere Gericault – imagem nº9

Estudo a óleo pintura de Paul Gauguin – imagem nº10

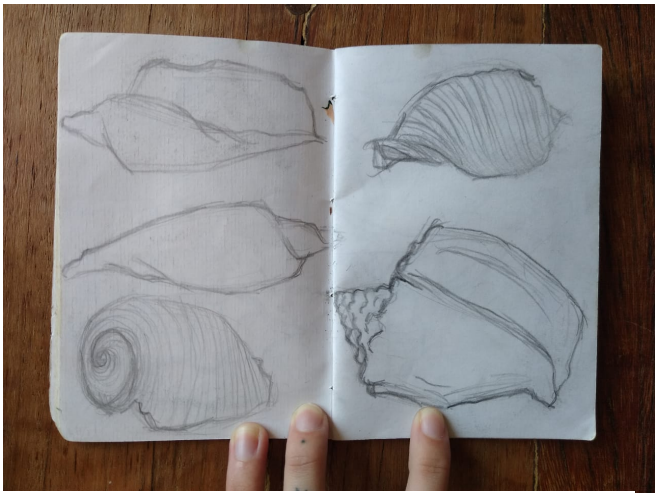
introjetamos, de forma empírica e não racional, essa experiência e guardamos conosco esse “saber”.

À medida que o tempo foi passando e a nossa relação, minha e da pintura, se estabelecendo mais na realidade da minha rotina, os sentimentos foram ficando mais calmos e constants. É mágico me dar conta que hoje diariamente convivo com e desdobro aqueles fazeres tão misteriosos que tanto me puxaram no início, faço parte do seu mundo e ela faz parte do meu. Contudo, como toda relação, temos os nossos desafios, que ficaram claros desde cedo: constância e disciplina, valores os quais ainda sigo aprendendo a exercer, se mostraram vitais para o nosso crescimento e fica cada vez mais claro que viver no momento e me livrar das idealizações também. É importante não querer controlar o processo e não se apegar às projeções do que achamos ou queremos que seja o desenho/quadro: essas tais possíveis relações dos elementos vão aparecer à medida que começamos a rabiscar, é algo que se dá na prática e não na teoria. Também é sobre dar espaço pro desenho respirar, perceber quais elementos estão sendo ali mais ativados, ouvir o que trabalho te pede, testar possibilidades e caminhos diferentes para a composição fluir: esse é o clima do fazer artístico. Pintar não é impositivo, não é uma via de mão única na qual eu, dita artista, me coloco acima das vontades e necessidades dela, da pintura, sendo ela fruto de minha pura projeção e intencionalidade, percebo esse fazer de uma forma muito mais pendular, uma grande dança entre eu e ela.

Falei previamente sobre como estudar pintura me proporcionou um novo olhar sobre a vida. Além das lições sobre confiança no processo, amar a pintura me evidenciou ainda mais a poesia no cotidiano, a grandeza no corriqueiro e propõe colecionar os momentos imagéticos que se colocam como mais caros para mim. Estar atenta a esses deslumbres do dia-a-dia ou buscar essas afinidades pelo mundo me mostra que elementos despertam-me a vontade de pintar, sejam eles abstratos ou imaginativos. Me atento aos acontecimentos que me enchem de ternura, os ambientes que me são agradáveis, os climas, os conjuntos cromáticos de certa situação, as pinturas que queria ter pintado, músicas que me inspiram, livros e poesias que me dão vontade de ilustrar. E como quem ao longo do tempo vai decorando sua casa com



Desenho de um veleiro – imagem nº11



Desenho de conchas – imagem nº12

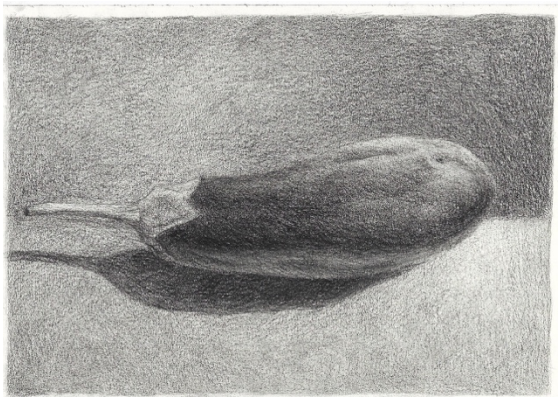
os objetos que lhe tocaram à medida que viveu a vida, vou povoando o meu imaginário com essa peças achadas por aí, as fotografo, desenho e anoto, as acesso quando dá vontade de desenhar ou quando quero sentir essa vontade e ela não aparece.

São muitas as facetas dessa relação, minha e da pintura, já vivemos muitas fases juntas e a tendo como certa em minha vida também é certo que muito mais viverei e aprenderei com ela. Nesse projeto final vou apresentar alguns frutos desse relacionamento, quadros que pintei com muito carinho e dedicação, e um pouco da nossa intimidade: o que se dá no nosso dia-a-dia, o que me motiva a seguir pintando, o que mais trabalhei em cada um dos nossos filhos, digo, quadros. Aceito aqui o desafio que é, através das palavras, descrever o processo criativo que resultou nas minhas pinturas e até vou me aventurar a descrever as relações que nelas se dão, mas já aviso cá entre nós: elas preferem mesmo o olhar atento e cuidadoso do que a curiosidade intelectual.

Xilogravura – imagem nº13

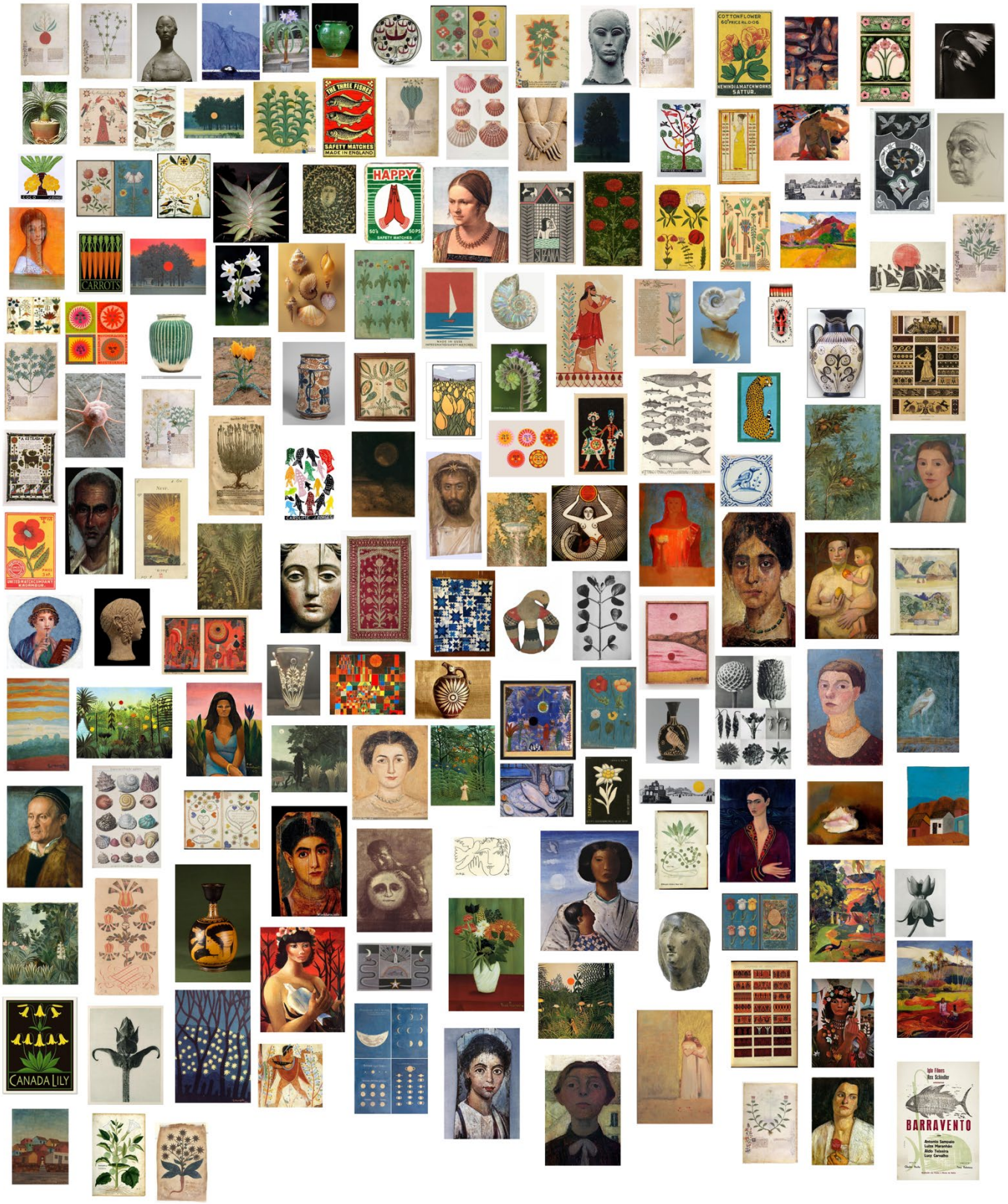
Pintura a gouache – imagem nº14

Aguada – imagem nº14



Desenho à grafite – imagem nº15

As referências



Coleção de referências – imagem nº16

São diversas as pinturas e objetos artísticos que uso como referência para trabalhar. Elas me servem como ponto de partida, me mostram os caminhos possíveis a serem traçados, me movimentam quando por algum motivo não consigo seguir no trabalho, me socorrem, dão solução e, acima de tudo, servem de exemplo do que posso realizar ao focar nos estudos e confiar no processo. A seguir, os artistas, movimentos, períodos e suas respectivas obras que mais influenciaram no processo de criação dessa série de pinturas:

Alberto Guignard

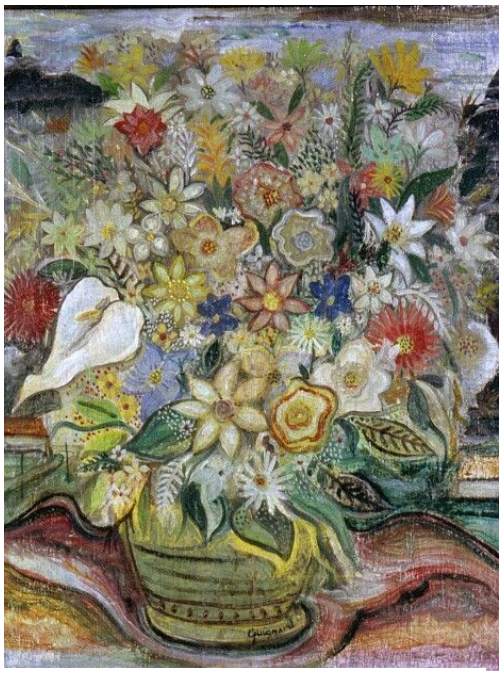


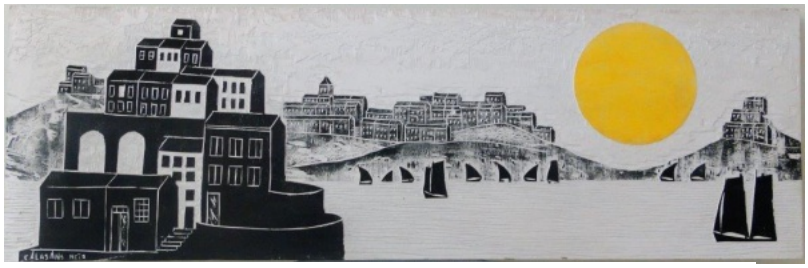
imagem nº17

Amadeo Lorenzato

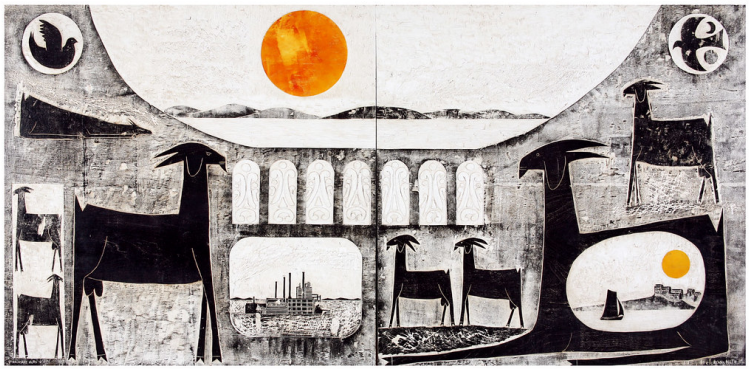
Girassol, 1992, óleo sobre tela sobre painel, 60 x 50 cm – imagem nº18

imagem nº19

Calasans Neto



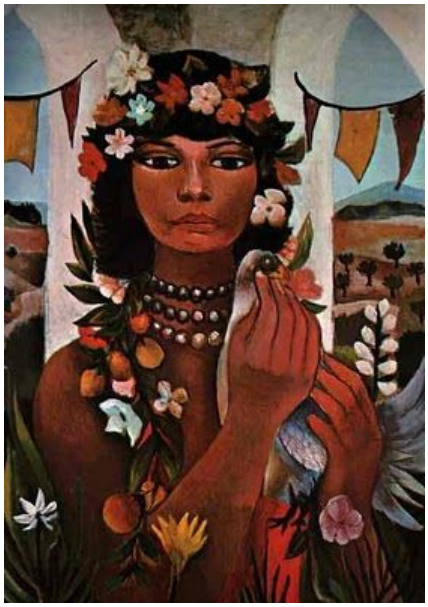
Paisagem, madeira entalhada, 45 x 145 cm – imagem nº20



Cabras e paisagem, painél, madeira entalhada, 1979, 330 x 160 cm – imagem nº21

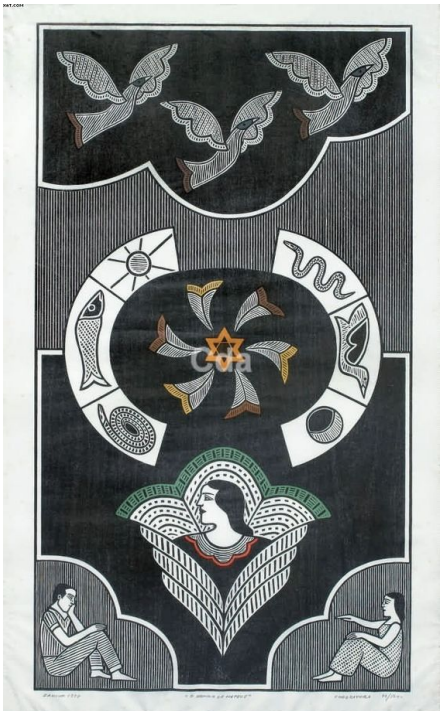
Paisagem com bode e peixe ao nascer do sol, painél, madeira entalhada, 78 x 25 cm – imagem nº22

Di Cavalcanti



Mulata com pássaro – imagem nº23

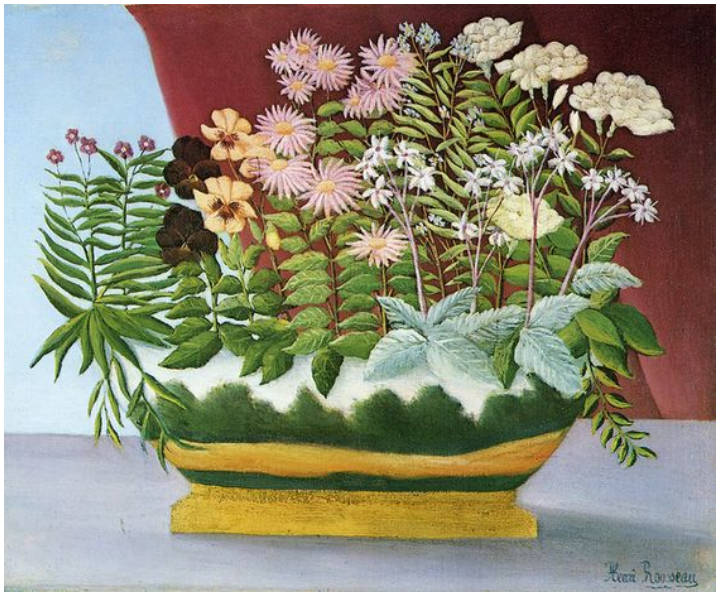
Gilvan Samico



O sonho de Mateus, xilogravura, 1987, 90 x 50 cm – imagem nº24

A fonte, xilogravura, 1990, 89,50 x 53,50 cm – imagem nº25

Henri Rousseau



Flores do poeta, óleo sobre tela, 1890, 38 x 46 cm – imagem nº26

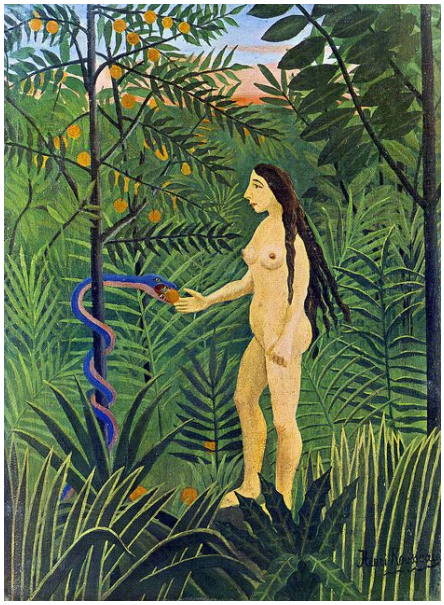


Imagem nº27

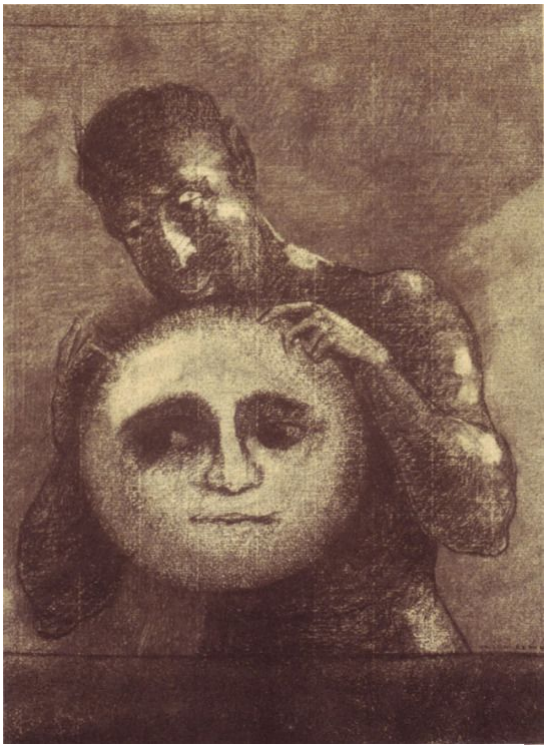
Karl Blossfeldt

Fotografias botânicas – imagem nº28

Mássimo Campigli

Pintura, 1949 – imagem nº29

Odilon Redon

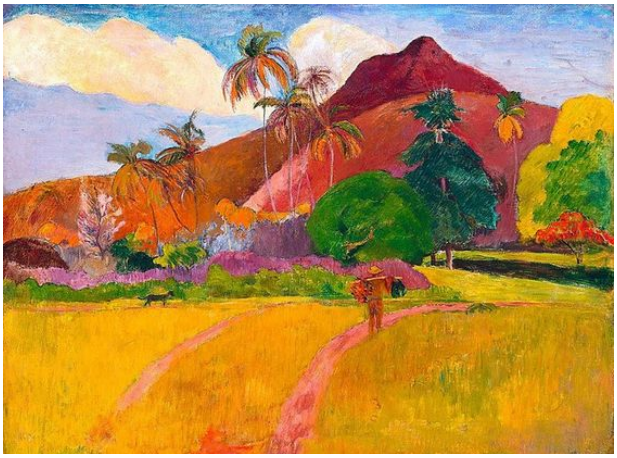


Gravura em metal – imagem nº30

Mulher de véu, giz pastel sobre papel, 1895, 32 x 47,5 cm – imagem nº 31

Paul Gauguin

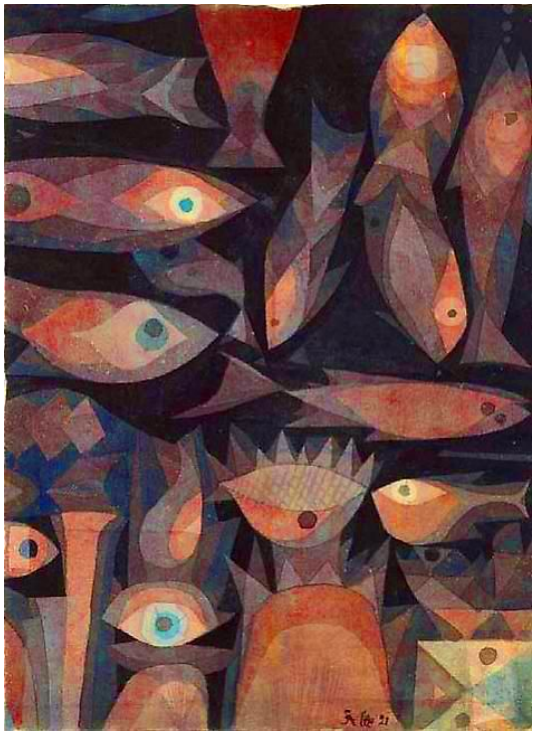
Fatata te Miti, óleo sobre tela, 1902 – imagem nº 32



Paisagem do Taití, óleo sobre tela, 1891 – imagem nº 33

Paul Klee

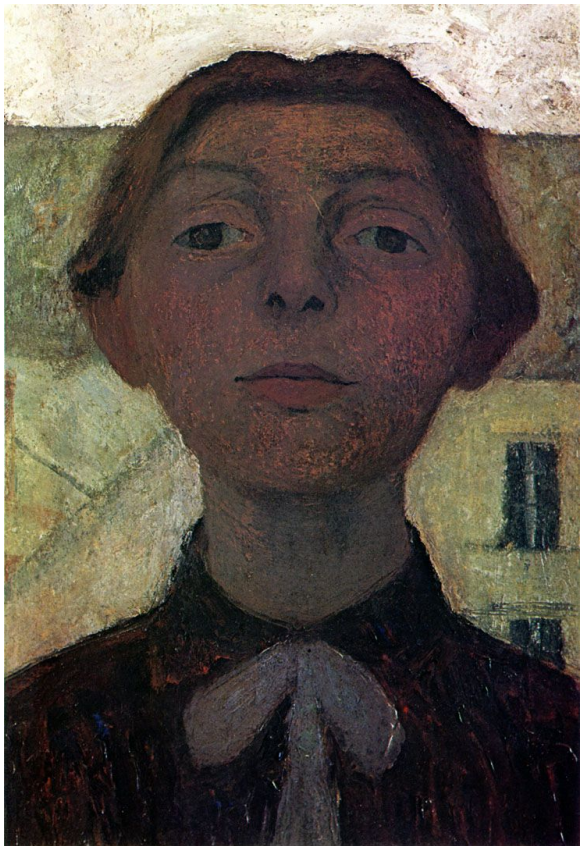
Jardim de flores em Taora, 1918 – imagem nº34



1921 – imagem nº35

Jardim de um castelo, 1919 – imagem nº36

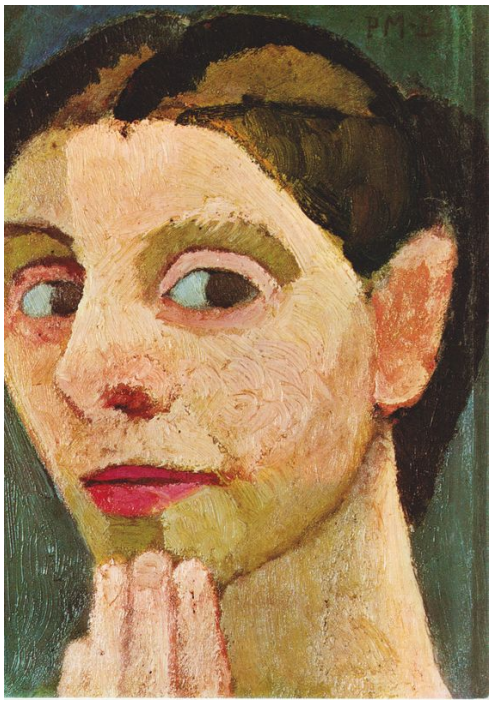
Paula Modersohn



Auto-retrato – casas parisienses ao fundo, óleo sobre papel sobre tela, 1900, 38 x 35,5 cm – imagem nº37

Auto-retrato sobre fundo verde com iris azuis, óleo sobre tela, 1905/1906, 40,7 x 34,5 cm – imagem nº38

Retrato de Clara Rilke-Westoff, óleo sobre tela, 1905, 50 x 36 cm – imagem nº39



Auto-retrato com mão no queixo, óleo sobre madeira, 1906, 29 x 19,5 cm – imagem nº 40

René Magritte

A grande família, 1963 – imagem nº41

O banquete, gouache sobre papel, 1958, 28 x 35,6 cm – imagem nº42

Afrescos Italianos

Fragmentos de pintura mural – Vila de Lívia, Roma, afresco, 1 A.C – imagens nº43 e 44

Art Nouveau

Imagens nº45 e 46

Azulejos Portugueses

Imagens nº47 e 48

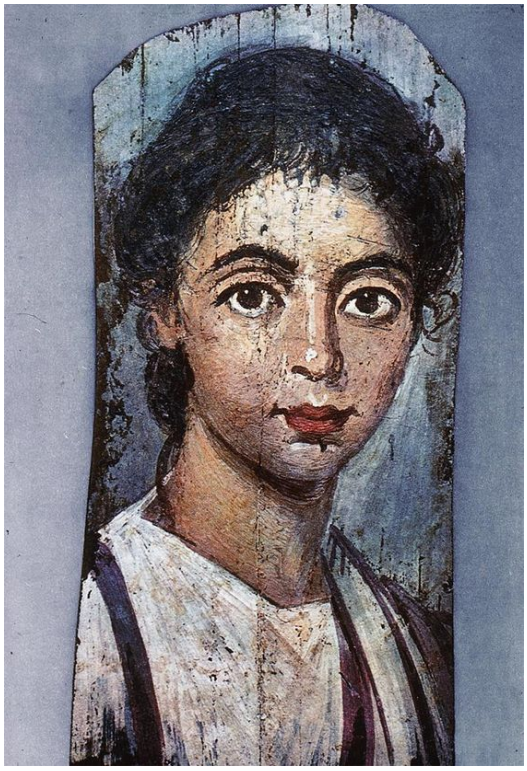
Grécia Antiga

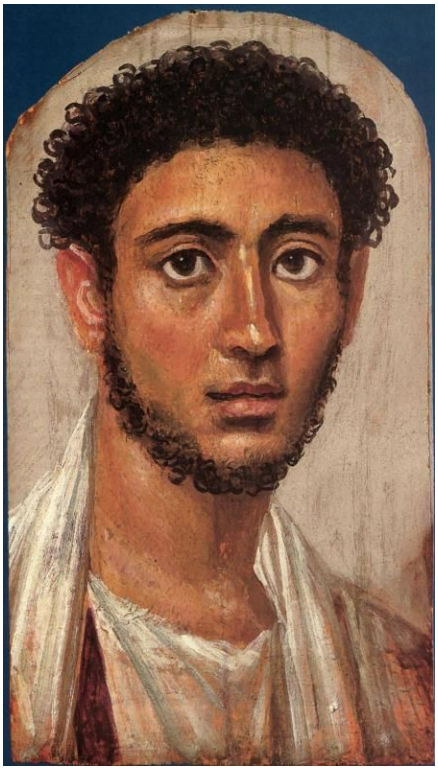
Imagens nº49 e 50

Ilustração Botânica

Imagens nº51 e 52

Retratos de Fayum





Pasta de cera sobre madeira, 4 a 1 a.C. – imagens nº53 e 54

Tapeçarias

Imagens nº55 e 56

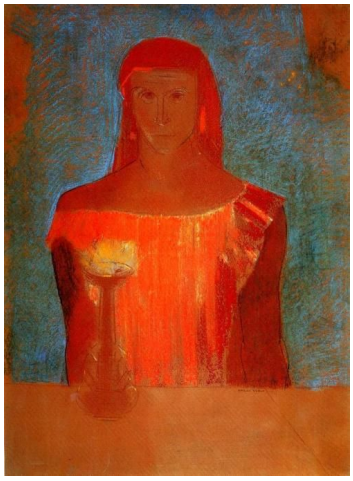
Ao observar o que chamou mais a minha atenção nessas referências e levei para o meu trabalho, surgiram alguns pontos em comum:

Cromaticidade:

Os conjuntos, contrastes e climas cromáticos me servem como motivação no início de um quadro ou sugestão de solução ao longo dele, às vezes somente para algum detalhe ou para seu aspecto geral.

Paul Klee, flores celestiais na casa amarela, óleo sobre tela, 1917 – imagem nº57

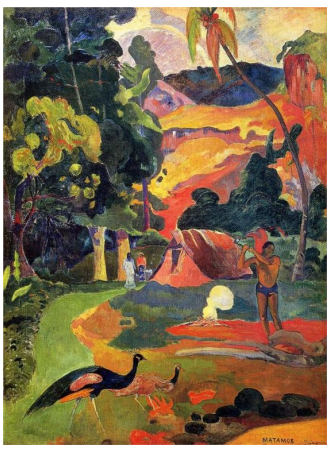
Amadeo Lorenzatto, sem título, óleo sobre painel, 1994, 48,9 x 49,8 cm – imagem nº58



Odilon Redon, Lady Macbeth, pastel sobre papel, 1898, 55 x 40 cm – imagem nº59

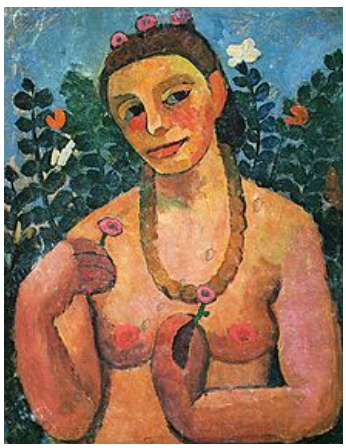
Configuração exaltada/silhueta:

Nessa série de pinturas, esse aspecto visual foi bastante explorado e muitos dos elementos trabalhados nos quadros marcaram sua presença através desse recurso. Presente tanto no quesito linear quanto tonal, ao exaltar a configuração em um desenho ou pintura, chamamos atenção para o plano da visualidade. Em algumas composições, isso pode dar um papel ornamental e decorativo para aquele elemento que teve sua silhueta exaltada.



Paul Gauguin, paisagem com pavões, óleo sobre tela,1892 – imagem nº60

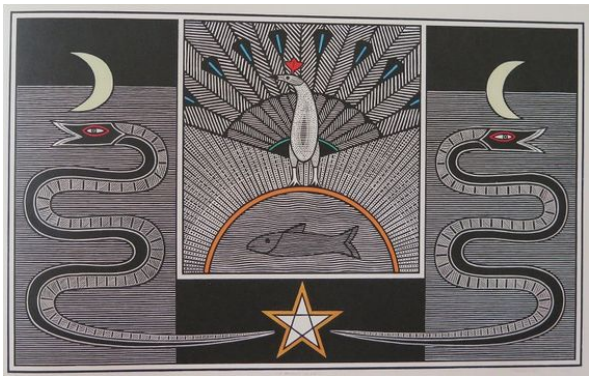
Henri Rousseau, retrato de uma mulher – imagem nº61



Paula Modersohn, auto-retrato, óleo sobre papel, 1906, 62,2 x 48,2 cm – imagem nº62

Tendo nesse sentido as gravuras de Gilvan Samico e as fotografias de Karl Blossfeldt como principais referências, me encantou os aspectos ora ornamentais ora totêmicos que são atribuídos aos elementos assim articulados. Do ponto de vista da pura visualidade, a configuração simétrica dentro de um quadro chama bastante atenção para o plano. Na representação de elementos principalmente orgânicos me agrada a contradição interna que se coloca: a fluidez e espacialidade de sua natureza dão lugar a um caráter fixo e ornamental quando nele é instaurada a simetria, cumprindo também um papel decorativo na composição que me agrada e do qual faço bastante uso.

Karl Blossfeldt, fotografia, 1928 – imagem nº63

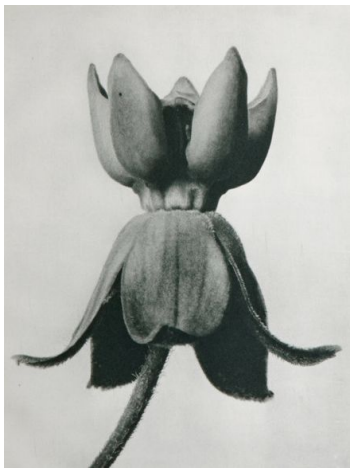


Gilvan Samico, “O senhor do dia”, xilogravura, 1986, 65 x 95 cm – imagem nº64

Centralidade:

A maioria de minhas composições possui poucos elementos, geralmente com o objeto retratado bem no meio, recebendo um destaque e importância, como se em um palco fossem iluminados por um holofote.

René Magritte, “16 de setembro”, gouache, 1956 – imagem nº65

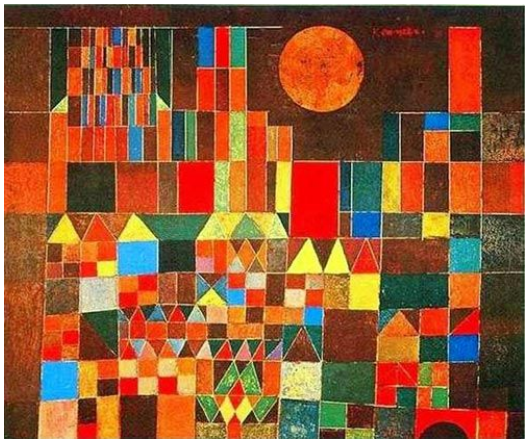


Karl Blossfeldt, fotografia, 1928 – imagem nº66

Paul Klee, “Sonho forte”, gouache sobre papel, 1929, 21 x 26cm – imagem nº67

Elementos decorativos e aspecto ornamental:

Às vezes por via de padrões de estampa ou na vegetação, exaltado na configuração, linearidade, com repetição ou não, o aspecto decorativo que os elementos dentro de um quadro podem ter sempre me encantou e inevitavelmente se faz bastante presente em meus trabalhos. Para além da presença de elementos ornamentais, esse fato visual pode ser percebido no modo como é dividida a composição, na forte cromaticidade, na configuração exaltada, grafismo e simetria.

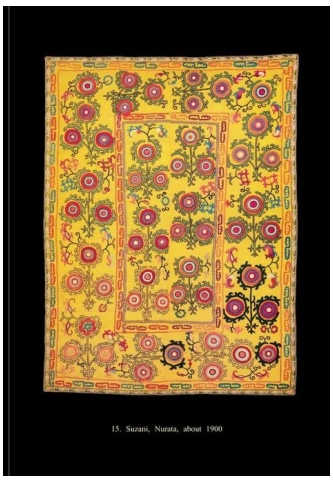


Paul Klee, “Castelo e sol”, óleo sobre tela, 1928, 50 x 59 cm – imagem nº68

Colcha do Vale de Shenandoah, 1858 – imagem nº69

Formas de representação:

Do realismo visual à pura visualidade, é possível atingir vários graus de representação dos objetos em um quadro. Quando representamos um elemento ora de maneira mais realista ora mais gráfica em uma mesma composição, enriquecemos o sentido desse elemento: se apresentam direções distintas simultaneamente e é possível apreender mais facetas desse mesmo elemento representado. Uma margarida, por exemplo, pode ser mancha, flor, estampa e ornamento a depender de como a desenhamos e relacionamos no quadro e, ao apresentar várias versões dela,



Tapeçaria, 1900 – imagem nº70

Odilon Redon, “Buquê de flores em vaso branco”, óleo sobre tela – imagem nº71

Karl Blossfeldt, fotografia – imagem nº72

cada uma trabalhada em uma direção, se apreende mais facetas da margarida, seu sentido e presença se expande dentro da pintura e reverbera de diferentes formas.

Elementos materiais:

Muitos dos elementos materiais presentes em meus trabalhos peguei emprestado de outros artistas, como por exemplo as vegetações de Henri Rousseau e os padrões decorativos da art decor e dos vasos da Grécia Antiga.

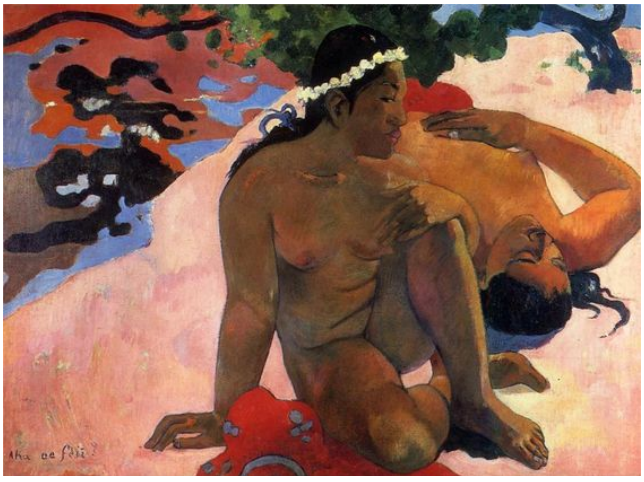
Imagem nº73

Henri Rousseau, “Mulher andando em uma floresta exotica”, óleo sobre tela, 1905, 99,9 x 81 cm – imagem nº74

Composição dividida em áreas:

As áreas da composição bem separadas umas das outras, com seus limites bem demarcados evidenciando o plano visual, é um aspecto que levei para minhas pinturas nas instâncias compositiva, linear, tonal e cromática.

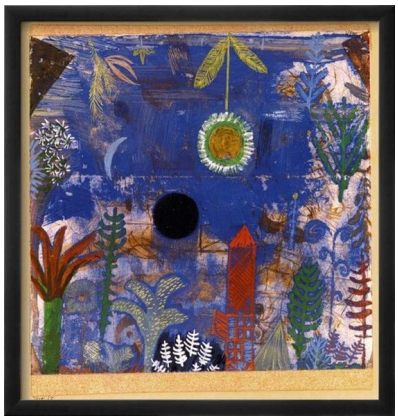
Amadeo Lorenzato, sem título, óleo sobre painel – imagem nº75



Paul Gauguin, “Você está com ciúmes?”, óleo sobre tela, 1892, 66 x 89 cm– imagem nº76

Composição dividida em momentos:

Em relação ao tempo e forma que apreendemos um quadro, são aqueles com diferentes acontecimentos compositivos se dando separadamente, nos quais nosso olhar caminha e repousa, visualizando o quadro aos poucos, chamando mais o aspecto poético e instigando a imaginação do que a pura visualidade que mais se fazem presentes no meu grupo de referências.



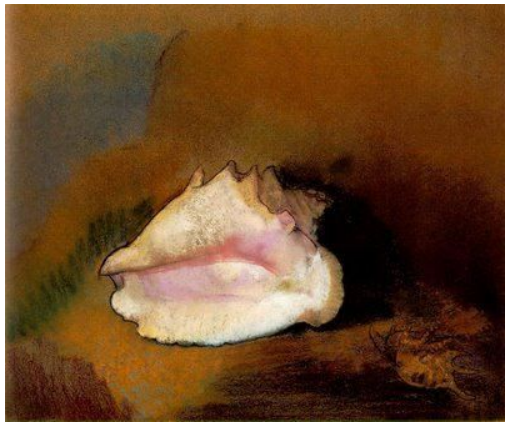
Paul Klee, “Flores noturnas (paisagem submerse)”, Litografia, 1918 – imagem nº77

Di Cavalcanti – imagem nº78

Paula Modersohn, “Ama de leite com criança”, óleo sobre tela, 113 x 74 cm, 1907 – imagem nº79

Notei que me identifico com os trabalhos nos quais transbordam intimidade e cuidado com aquilo que está sendo pintado, que se evidencia o afeto que o pintor tem pelo que está retratando e importância que dá ao objeto que virou quadro. Rembrandt disse ‘Nunca pintei senão retratos” e é esse zelo e atenção que busco ter com aquilo que pinto, preciosos modelos nem sempre vivos, mas que me tocam a alma e merecem que sua personalidade e trejeitos sejam exaltados através de um cauteloso desenho.

Alberto Guignard – imagem nº80

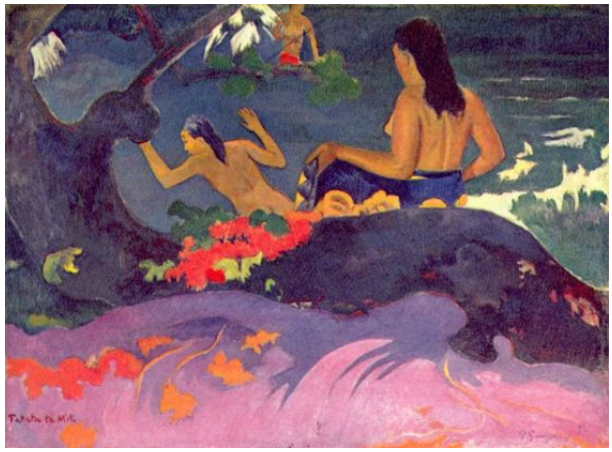


Odilon Redon, “A concha”, pastel sobre papel, 1912, 52 x 57,8 cm – imagem nº81

Relação espaço x plano

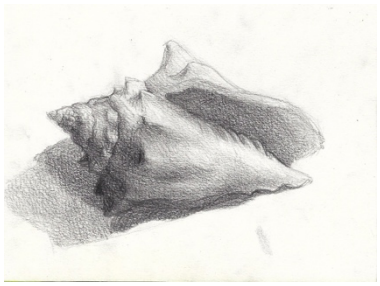
O fazer de um quadro se dá na articulação de possibilidades formais, algumas as quais são antagônicas entre si e se encontram em extremos opostos se apresentadas de forma “pura”. A pintura é uma realidade em si que se dá ao relacionarmos os possíveis visuais, nela há espaço para, e até se pede muitas vezes ao longo do processo, a presença simultânea desses elementos opostos numa mesma composição. No caso, busquei em minhas pinturas, sempre de natureza tão planar, trabalhar também o aspecto da espacialidade, seja através de fusões no campo ou, principalmente, por um trabalho de realismo visual através do claro escuro, evidenciando volume, para fazer um contraponto com os elementos que exaltam tanto o plano das mesmas. Assim, ocorre uma contradição interna por meio da convivência de elementos que apontam para diferentes abordagens da forma dentro de uma mesma composição, enriquecendo a apreensão desse sentido e tirando o espaço da falta que a presença exaltada de um desses extremos pode causar em relação ao outro.

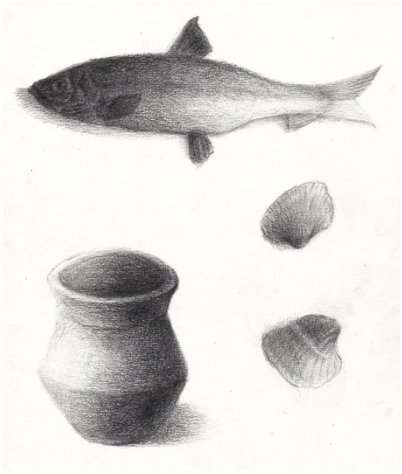
René Magritte, “Assinatura em branco”, Litografia – imagem nº82

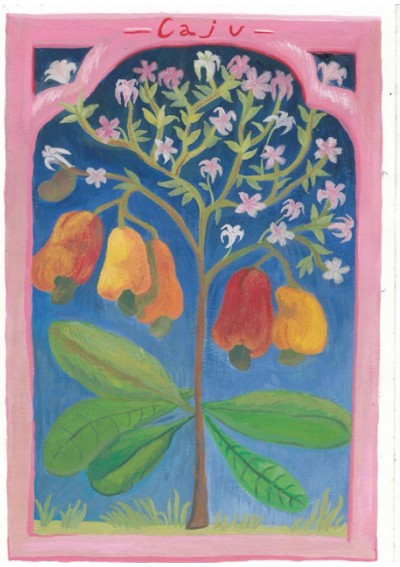


Paul Gauguin, “Fatata Te Miti”, óleo sobre tela, 1892, 68 x 92 cm – imagem nº83

Elementos e climas afetivos







Desenhos e pinturas autorais – imagens 84 a 94

Como já mencionei, pintar proporcionou aos meus olhos uma visão diferente do mundo: mais atenta, percebendo os detalhes, cores e formas à minha volta e consequentemente mais poética, absorvendo sentidos para além dos significados, expandindo as vivências do meu dia-a-dia. A personalidade das árvores, os arabescos das flores, a configuração dos pássaros, o ritmo das ondas do mar, o claro escuro das montanhas e o conjunto de cores dos legumes na feira são algumas das buscas que foram incitadas ao meu olhar, do que vejo de pintura pela vida e sinto vontade de pintar.

Ao longo do tempo, recolho por aí os elementos que me pedem para serem retratados. Às vezes, os encontro na rua e os fotografo para mais tarde desenhá-los, outras, em fotografias de contextos queridos e também nas obras de arte que admiro. Pouco a pouco, essa coleção vem crescendo, com diversos contextos que se ligam através do afeto e familiaridade que sinto por eles. Quando quero pintar, acesso essa coleção e vejo quais elementos estão pedindo os seus retratos e em que companhia. Há dias que uma certa combinação de cores que vai motivar o trabalho, com quais elementos materiais vou compô-la? Ou me dá vontade de pintar uma concha, ela vai estar sozinha na composição? Quais elementos formais que seriam bem vindos se ressaltados nesse caso? Para essas perguntas não existem respostas certas ou erradas, apenas possibilidades a serem testadas e vivenciadas, unindo esses vários contextos que compõem o meu imaginário afetivo.

Listo a seguir os elementos que notei se fazendo mais presentes no conjunto de trabalhos que desenvolvi para concluir o curso:

- O céu, seus astros e as cores que nele se dão com o passar do dia
- Vegetações, em especial flores e plantinhas
- A praia e seus habitantes: peixes, conchas, mar, barcos, casas ao seu redor, suas paisagens e seus climas cromáticos
- Contextos íntimos no interior das casas e objetos que ali podem se encontrar, como vasos, toalhas de mesa, plantas e janelas
- Nichos e molduras decorativas
- Pessoas fazendo parte desses contextos
- Elementos delicados em evidência
- Separação da composição em áreas
- Acordes cromáticos
- Relação espaço-plano

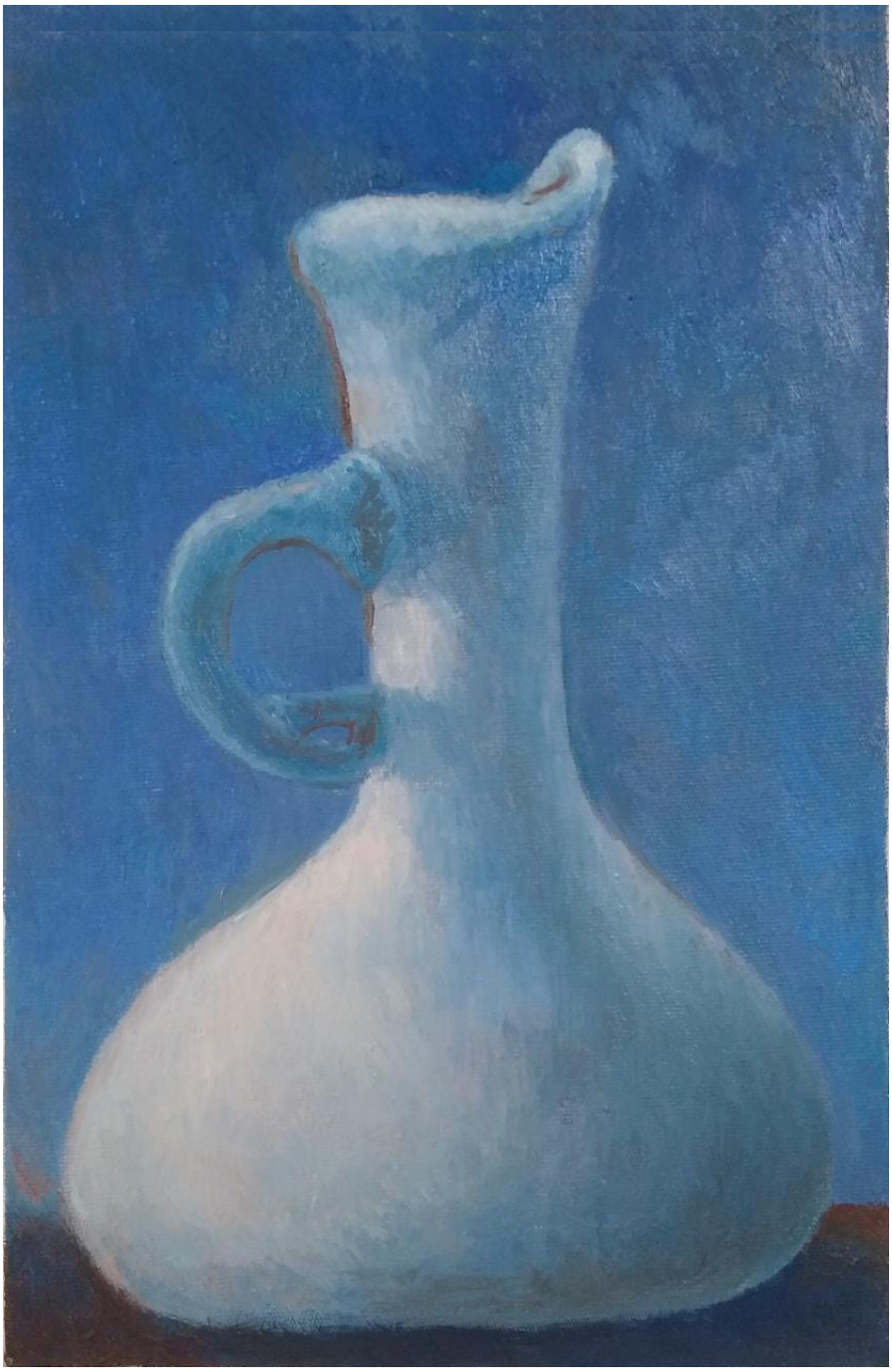
As pinturas e seus processos

Recortes de pinturas autorais – imagem nº95

O que até aqui foi citado e descrito faz parte do todo complexo que é o processo de pintar um quadro. Sua aparência final é consequência da articulação de todos esses fundamentos e não o contrário. Não é para atingir dado resultado que utilizamos da forma e sim porque testamos as suas possibilidades que chegamos nele. Pintar é sobre viver o caminho, apreciar o que nele aparece, aprender e seguir a partir daí. Fazendo isso, em algum lugar com certeza se chega. Às vezes ele é parecido com aquilo que se imaginou no início da caminhada, outras, completamente diferente e existe muita riqueza nisso. A pintura é viva, como a gente. Apesar de ser desafiador não impor o que idealizo para cima de um quadro, estou aprendendo a ouvi-lo, respeitar seu tempo e vontades e atender às suas necessidades.

A seguir, apresento os meus quadros, alguns dos frutos do que plantei ao longo desses anos, desde o meu ingresso na Escola de Belas Artes. É com amor que os mostro para o mundo e com verdade que descrevo alguns deles e seus processos: de onde parti, com o que trabalhei e o que vejo onde cheguei.

Jarro no fundo azul

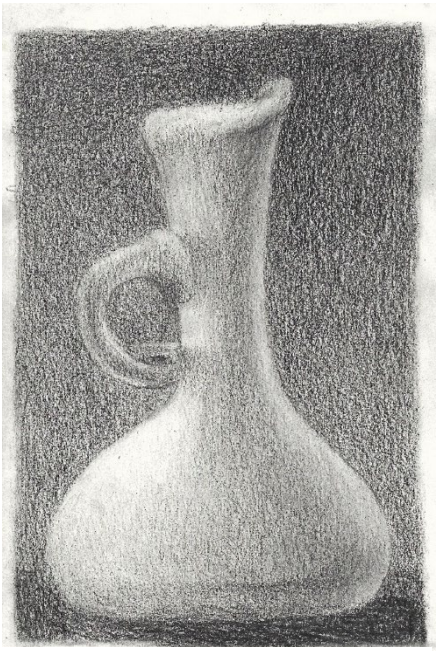


Óleo sobre tela, 2021, 30 cm x 20 cm – imagem nº96

Com o olhar curioso, fui buscar objetos que me despertassem a vontade de desenhar ao meu redor e, na sala de estar, me deparei com esse jarro. Ao desenhá-lo, se deu um realismo visual e uma divisão de áreas através do claro escuro. No jarro, utilizei a escala de valores altos a médios e a partir da luz e sombra busquei um realismo visual. No fundo, a espacialidade se fez presente com a passagem de cinzas médios a baixos da base ao topo da composição. Em contrapartida a esses fatores, a divisão de áreas resultante da diferença das escalas e a configuração exaltada do

jarro evidenciaram o plano. Os cinzas claros do jarro em contraste com o fundo escuro me remeteram a um clima lunar que resolvi exaltar com a cromaticidade, quase numa monocromia, se não fosse por algumas notas e grafismos quentes: um azul mais quente bem característico do fim de tarde no fundo, quando a lua já começa a aparecer no céu, e um azul bem escuro, como o céu da noite, em algumas áreas da base. Ambas em contato com os brancos do jarro, trazendo alguns momentos do céu noturno para a composição.

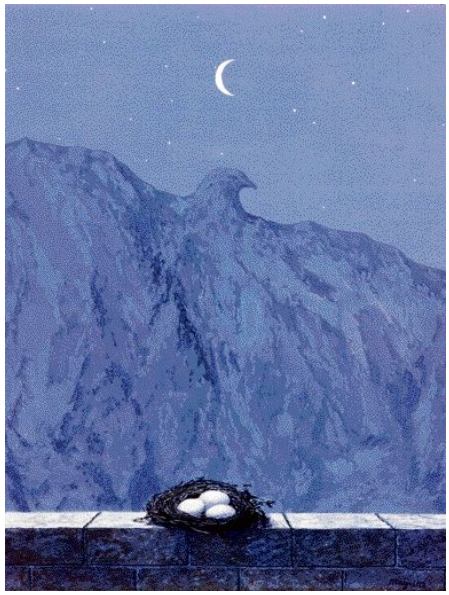
Um mistério silencioso também se coloca pela presença solitária desse jarro iluminado nesse ambiente indefinido: ora se caracterizando como o interior de uma casa, será que o jarro está apoiado numa mesa de madeira de um marrom escuro? Ora com o ar livre, com o fundo se identificando muito com o céu. De qualquer forma, fica clara a importância que foi atribuída a esse jarro lunar, retratado com cuidado e em detalhes, destacado no centro e ocupando quase toda a composição. Um objeto decorativo que muitas vezes passou despercebido na estante ao longo dos dias corridos, redescoberto e tendo a si instaurado um protagonismo.



Desenho a lapis carvão – imagem nº 97

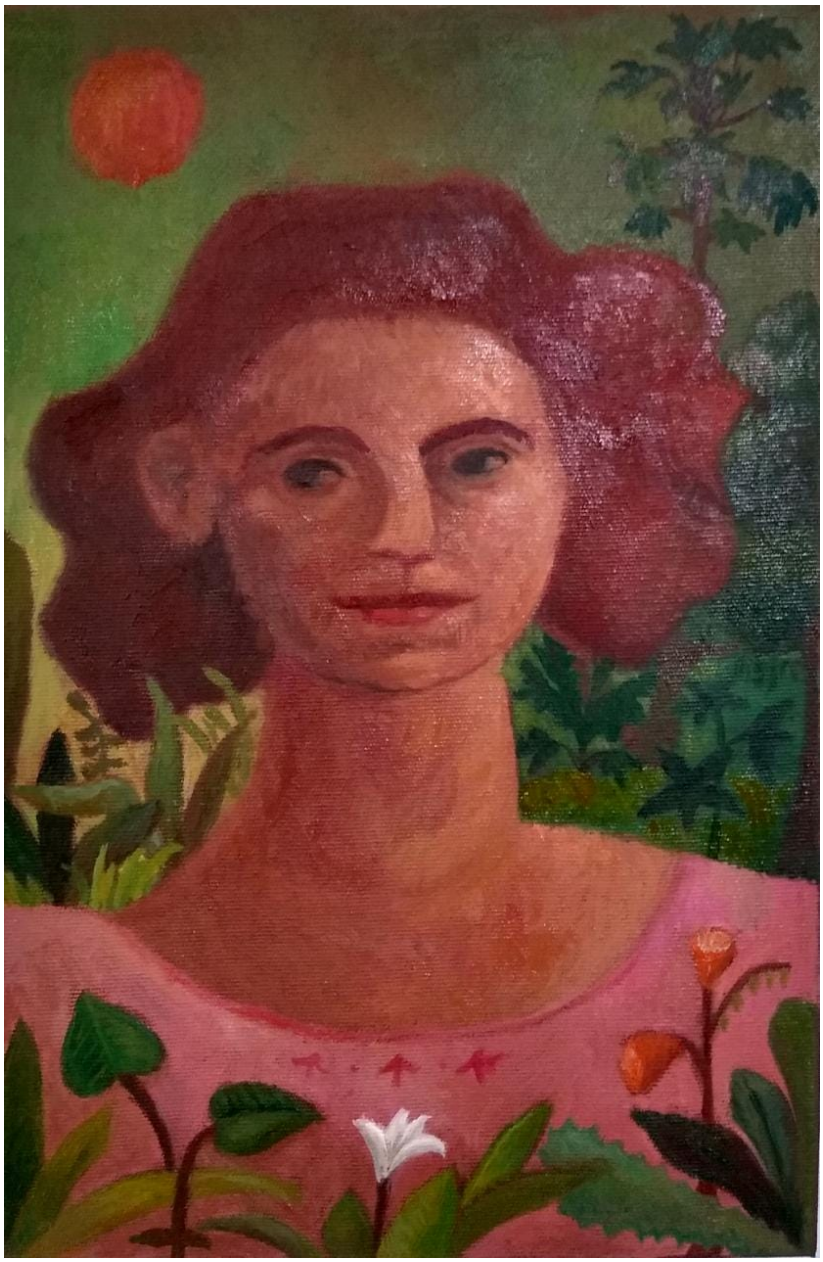
Estudos de cor 1 – imagem nº 98

Estudos de cor 2 – imagem nº 99



René Magritte, “O domínio de Arnheim,1962 – imagem nº 100

Moça no meio da mata



Óleo sobre tela, 2021, 30 cm x 20 cm – imagem nº 101

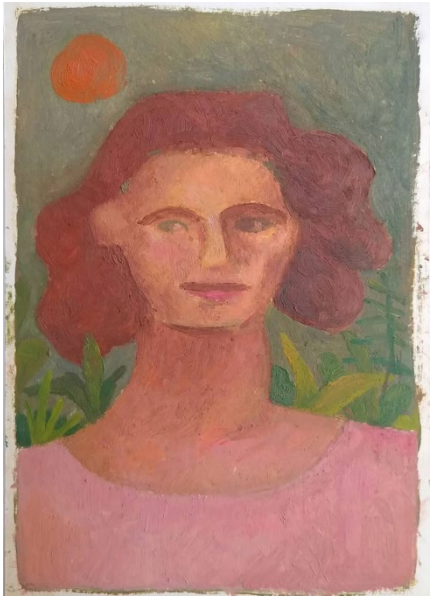
A partir de um desenho que havia feito previamente, ao qual dei o nome de “Mulher Borboleta” pela configuração da cabeça se assemelhar às asas do inseto e pela presença de muitas flores decorativas na composição, fiz uma manchinha à óleo dessa moça. Agora colocada no meio de uma mata de um verde quente composto com outros tons dessa temperatura – rosas, laranjas e marrons – também ganhou uma nova atitude e novas silhuetas.

Ao passar para a tela, de fundo vermelho terroso, adicionei mais elementos que não estavam naquela primeira manchinha: além de crescer e detalhar a vegetação decorativa que já estava indicada no estudo na área do fundo e criar um

parentesco entre a área do cabelo e uma árvore no canto direito, a partir da repetição da configuração e do volume, à frente da moça surgiram flores e folhas, dispostas sobre a blusa rosa e fazendo alusão a uma estampa florida. A flor branca, bem no meio, repete o movimento das flores gráficas que ornamentam a gola, fortalecendo a relação entre essas folhagens e a blusa da moça.

A composição como um todo tem um forte aspecto decorativo e planar, a divisão marcada das áreas, a forte cromaticidade e tanta vegetação utilizada como ornamento trabalham nessa direção. Ainda assim, uma dualidade se coloca no espaço compositivo: nas áreas do pescoço e do rosto, através da luz e sombra, se faz presente um volume que indica um realismo visual, alheio à realidade dos outros elementos dessa pintura. No próprio rosto da figura, há áreas com bastante volume, enquanto há outras mais chapadas, além da presença de outros elementos formais como grafismos e recortes marcados de configurações que exaltam o plano.

A presença dessa moça no meio dessa mata é misteriosa, o meio sorriso e o olhar dela para a esquerda indicam uma atenção para algo que não está retratado na composição. O que seria? Essa pergunta não é respondida, mas, enquanto isso, existe outra instância de justificativa para essa figura estar aí colocada e é o parentesco visual que ela tem com esse ambiente. Existe uma participação clara da moça com a vegetação, que se confunde e se sobrepõe a sua roupa e seu cabelo, há repetições de configurações e ritmos entre ambos em diversos momentos compositivos e a divisão de todo o quadro em áreas também ajuda nessa participação. Ela foi composta com os mesmos elementos formais que os habitantes dessa mata e está embutida em sua lógica visual, logo, a moça pertence aí.



Estudo de cor – imagem nº102

“Mulher Borboleta”, caneta nanquim sobre papel – imagem nº103

Concha na Praia

Óleo sobre tela, 2021, 27 cm x 35 cm – imagem nº104

Eu sou apaixonada pela praia e seus habitantes desde que me entendo por gente. A areia que muda de cor e vira um espelho ao ser tocada pela água, os mergulhos, os castelinhos e os tatuís são algumas das vivências queridas que povoaram os meus primeiros anos de vida e firmaram a minha ligação com o ambiente praiano. Ambos casais de avós tinham casa em Búzios, possibilitando esse colorido de mar e areia das minhas memórias das longas férias da infância. As casas se foram, o afeto ficou, o gosto pelo marinho e a nostalgia pelas praias de lá. Alguns tesouros físicos acompanham as memórias: incontáveis fotos, espaçosos móveis de madeira e, as minhas preferidas, diversas conchas.

Eu sou fascinada e herdei muitas delas. São minhas modelos mais preciosas, das coisas que mais amo ver, desenhar e pintar. Não sei se existe uma explicação concreta e na realidade nem me interessa se há, pois sei que a ligação que sinto por elas é genuína. Às estudo com ternura, às retrato com cuidado. Me motiva imensamente a oportunidade de pintar uma concha. Sei que assim que tem que ser com aquilo que vou pintar e é uma delícia sentir isso.

Essa da pintura comecei a retratar em um desenho, exercício que me foi passado pelos professores do Atelier Orunyia, que tinha como proposta utilizar toda a

escala de valores de cinza num mesmo desenho e retratá-lo com realismo visual. De início, tive dificuldade, mas logo me instruíram: imaginar que uma parte do objeto tem os cinzas da noite e a outra, de um iluminado dia. Dessa forma, consegui acessar as possibilidades da escala tonal através de uma abordagem imaginativa, tive muita ligação com esse procedimento e assim realizei o exercício proposto.

A partir do desenho, decidi pintar o quadro e levei a dualidade noite e dia para o claro escuro e para as cores de toda a composição, tendo momentos diurnos e noturnos, não só na concha, mas também na areia, no céu e no mar.

O retrato dessa concha é feito em detalhes e com um realismo visual que se dá pelo claro escuro. Alguns contrapontos a essa espacialidade são os grafismos embutidos na luz e sombra e a divisão de áreas da composição: cromaticamente a concha e a areia se juntam em uma sessão e o mar e o céu em outra, ambos aspectos decorativos do quadro.

Por fim, o ambiente em que a concha se encontra é o mesmo de onde ela vem, para onde toda sua carga afetiva me leva e onde ela é mais concha do que nunca: na praia.

Flores no por do sol

Óleo sobre tela, 2021, 45 cm x 30 cm – imagem nº 105

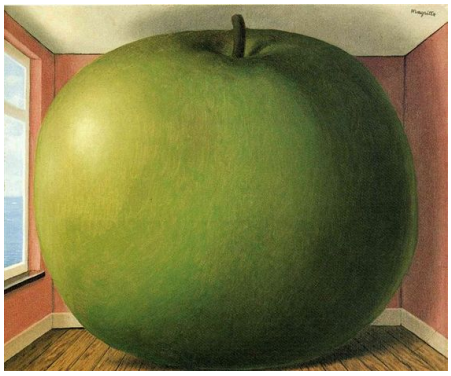
Desde o primeiro e rápido estudo, a motivação mais presente para essa composição era a configuração exaltada de folhagens quando estão contra a luz do sol, que em conjunto formam tramas escuras, vazando em seus espaços vazios a claridade que o astro rei proporciona ao nosso planeta. Quase como uma renda, mas com os valores tonais invertidos.

A ajuda de Rousseau e Magritte se fez muito necessária no processo desse quadro: as flores e plantas da área de baixo, cada uma com sua atitude e todas emaranhadas entre si – evidenciando o plano da pintura através das sobreposições sem muito volume das folhagens – me foram dadas por Henri Rousseau (imagem nº108), ao longo das muitas visitas que fiz às suas pinturas, visitas nas quais adquiri

o gosto e costume de rabiscar nos meus cadernos os elementos que ali encontrava. Já a presença de uma grande planta florida ocupando toda a altura da composição, com certeza me veio pelos diversos quadros de Henri Matisse, onde se fazem presentes escalas de tamanho que não condizem ao nosso real (imagem nº107). O pintor, dessa forma, afirma a existência de uma realidade própria da pintura, na qual existem diversas possibilidades da presença simulânea de vivências que ao nosso dia-a-dia são distantes ou até alheias entre si, como, no caso da pintura sobre a qual estou escrevendo, a presença de uma flor gigante, que pode-se até dizer que atua como uma árvore, no meio de diversas irmãs flores menores e que entre si possuem proporções que fazem mais jus ao real que vivemos.

A presença de um grande sol laranja avermelhado, que dá todo o clima quente e diurno da área do ceu, me foi dado por ambos pintores já citados, em especial pelo quadro “O Banquete” de Magritte (imagem nº106). Para além de um ceu quentíssimo e o sol vermelho, os verdes azulados frios da vegetação desse quadro trazem um contraste de temperaturas e de alusões a diferentes horas do dia por parte dessas duas áreas cromáticas, ambos fatores que também se encontram no quadro que pintei.

René Magritte, “O Banquete”, óleo sobre tela, 1958 – imagem nº 106



René Magritte, “A sala de audição”, óleo sobre tela, 1952, 45 x 54 cm – imagem nº 107

Henri Rousseau – imagem nº 108

Natureza morta marinha

Óleo sobre tela, 2021, 48 cm x 39 cm – imagem nº 109

Nesse quadro, o elemento mar se faz presente em diversas instâncias: das mais óbvias às mais sutis. O grande foco da pintura é uma concha, bem central na composição e com tratamento mais realista, o que a coloca em evidência por diferir dos outros momentos compositivos que são divididos em áreas, decorativos e consequentemente, mais planificados.

Além da presença da concha, o próprio mar se coloca ao fundo do conjuto da natureza morta, dando a impressão de que tais objetos estão `a frente de uma janela que dá para tal vista. A presença marinha também se faz na mesa pelo vaso de flores, que tem sua silhueta similar a de um peixe, linhas ornamentando sua borda como as linhas de uma calda e a alça posicionada como uma nadadeira. É um peixe que, para

poder entrar em cena, age como um vaso. Já as flores que nele se encontram aludem a corais e as folhagens, a algas.

Mais um peixe que atua como outro elemento se encontra na composição. Inspirada pela brincadeira que procura reconhecer formas de objetos nas mais diferentes nuvens, aproveitei uma para adicionar mais mar ao quadro, se encontrando assim no ceu mais um desse ser marinho.

Uma pequena conchinha também compõe a mesa, junto da estampa gráfica e florida que, assim como os ornamentos na parede à esquerda, fazem uma companhia vegetal às flores-coral.

Casa da minha avó

Óleo sobre tela,
2021,
45 cm x 15 cm
imagem nº 110

Arrudinha

Óleo sobre tela,
2021,
15 cm x 10 cm
imagem nº 111

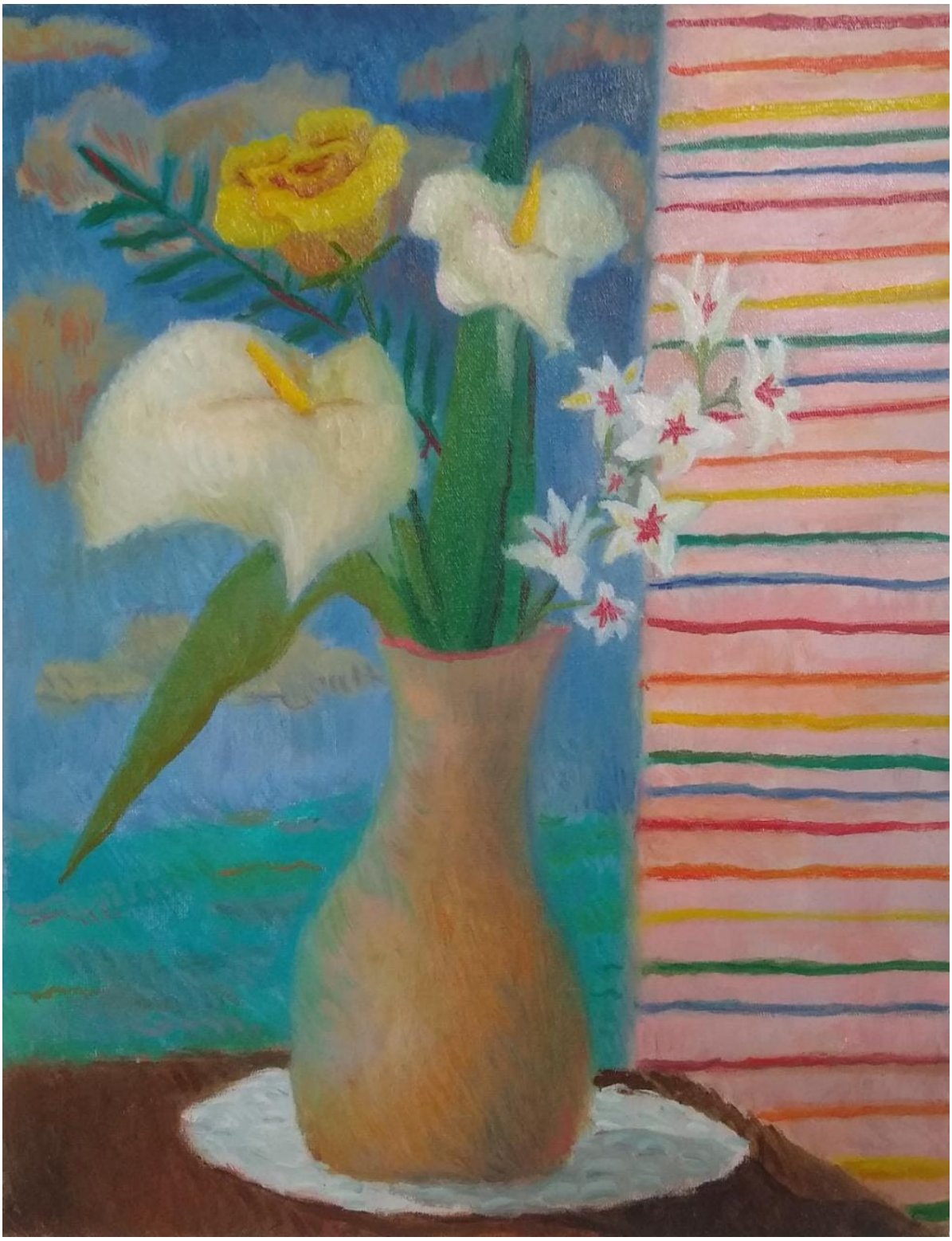
Vilarejo

Óleo sobre tela,
2021,
20 cm x 40 cm
imagem nº 112

Dois lírios

Óleo sobre tela,
2021,
30 cm x 20 cm
imagem nº 113

Vaso de flores



Óleo sobre tela,
2021,
35 cm x 27 cm
imagem nº 114

Tulipa

Óleo sobre tela,
2021,
22 cm x 16 cm.
imagem nº115

Peixe

Óleo sobre tela,
2021,
22 cm x 16 cm
imagem nº116

Auto-retrato

Óleo sobre tela,
2022,
24 cm x 18 cm
imagem nº117

Conclusão

É com grande felicidade que entrego este documento e enorme gratidão que me encaminho para finalizar o Curso de Pintura da Escola de Belas Artes da UFRJ. Agradeço todas as experiências que aqui tive, conhecimentos que pelos professores e professoras me foram passados e aos diversos e ricos encontros que a passagem por essa faculdade me proporcionou: com pintores, pinturas, movimentos, motivações, desafios, mestres, amizades que levarei para a vida toda e os infinitos que tive e continuo tendo comigo mesma a partir de tudo isso. Sairei daqui com muito mais que um diploma e uma formação acadêmica. Saio com paixão de sobre pela arte para me guiar nessa próxima etapa da vida, autoconfiança para concretizar aquilo que me proponho e a certeza de que há muito mais por vir nesse nosso caminho, meu e da Pintura.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao professor e orientador que me acompanha desde o início da faculdade, me aproximou da tão encantadora pintura, guia meus estudos e produção, sem quem a minha vida com certeza não seria a mesma, Nelson Macedo.

A Ana Moura, Renato Alvim e Lucas Moura, que me acolheram como aluna no Atelier Oruniyá, passando sempre com amor e dedicação orientações que vão muito além dos estudos da forma, que não só me fazem ser mais competente no ofício que escolhi exercer, mas também me dão exemplos de como quero ser e agir no mundo para além da profissão.

Aos meus pais, Maria e André, que sempre me apoiaram com todo amor e dedicação do mundo e acompanharam de perto toda a minha passagem pela faculdade, servindo tanto de inspiração como porto seguro.

À minha irmã Tatiana, quem mais me motiva, acolhe e sempre faz questão de mostrar o quanto adimira o meu trabalho, acredita em mim mais que ninguém e me ajuda a acreditar também.

Às minhas amigas pintoras, irmãs de alma e profissão, Anna Livia, Ayla, Maria Victória e Paula, companheiras de percursso com as quais aprendo diariamente, que me compreedem como ninguém e nunca deixam de me inspirar e apoiar.

E, finalmente, aos professores Julio Sekiguchi e Ricardo Pereira, pelas aulas cuidadosas durante todos esses anos e pela gentiliza de comporem essa banca.

Bibliografia

HESS, W. Documentos para a compreensão da pintura moderna. Lisboa: Livros do Brasil, 1955

MACEDO, N. A teoria artística da forma e as duas vias de formação da imagem. Kandinsky e Klee. 2000

exposição

Forma e afeto

-de

Laura Ribeiro de Castro

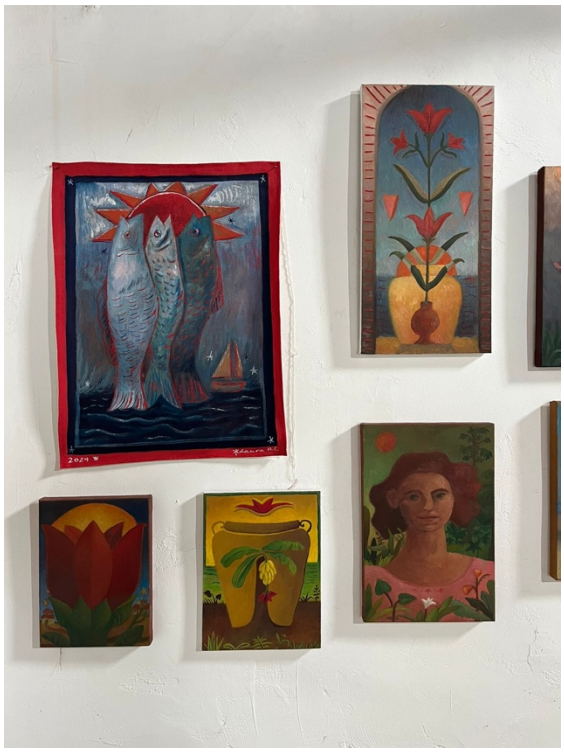
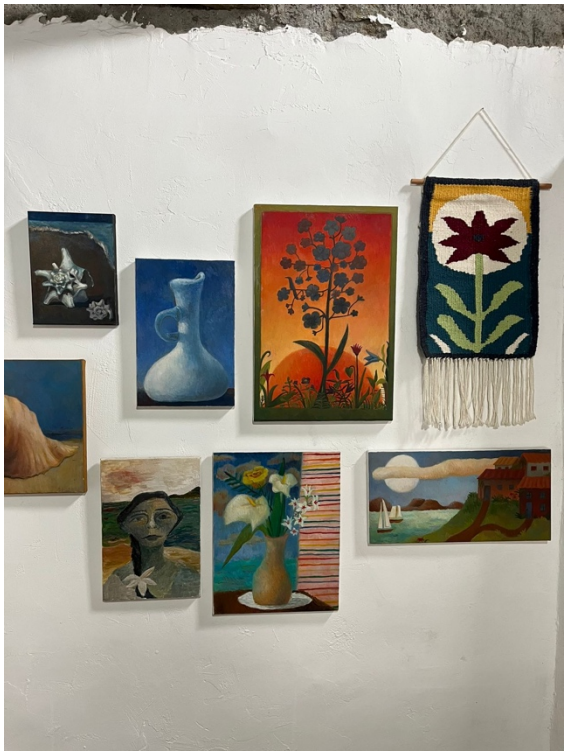
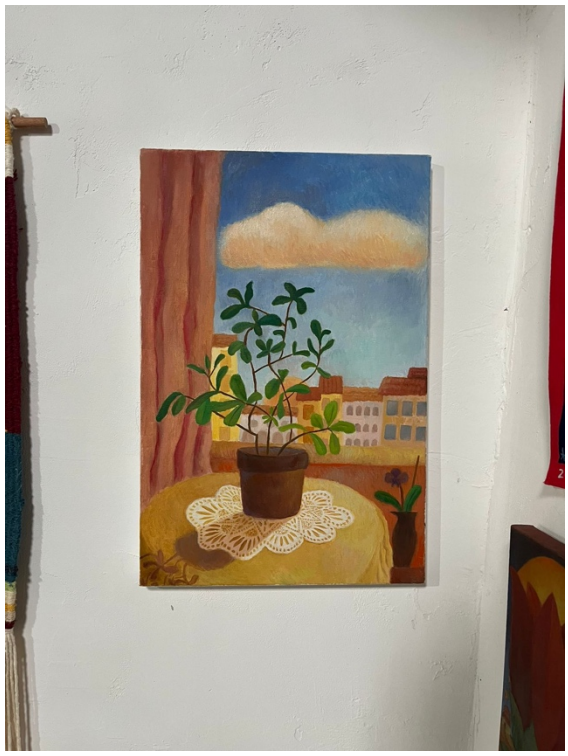
Rua Conde de Avelar 44 - último andar

Vernissage - 22/02
das 18h às 22h

agende sua visita de 22/02 a 26/02

ENTRE FORMAS e AFETOS...

Entre as marolas e o vai e vem infinito do mar, pequenas conchas rolam nas areias das praias, cavam sulcos em sua geografia, deixam marcas, povoando as areias purpurinadas de sol. Mas nem só de mar vive o imaginário rico da artista LAURA RIBEIRO DE CASTRO; na dança silenciosa das hastes das plantas e flores, no movimento das acrobatas, na harmonia de grupos de cores, nas linhas, nas estrelas, na magia, reside também o encantamento da artista. Seu olhar vasculha o mundo não por grandiosos eventos e feitos, mas por sensíveis e pequeninos acontecimentos onde somente um olhar bondoso, interessado, pode vaguear, devanear, então por florestas imaginárias, flores gigantes, figuras dançantes sonhadas, acrobatas celestes... Somente aqueles que mantêm vivas suas crianças internas, podem contemplar a vida em suas miudezas poéticas e realidades mágicas. Nesse universo a imaginação pictórica é ativada, em sua forma visual, pelos conjuntos cromáticos, pelos arabescos lineares, pelas geometrias hieráticas... e assim flores e conchas posam como para retratos, figuras se portam como flores e acrobatas alcançam as estrelas dançando no céu deste mundo mágico e lírico das pinturas de Laura.

ANA MOURA

UFRRJ